

Leituras Sociodramáticas – Africanidades: Interconexões, fuxicos, milongas e os griots

RESUMO

O presente trabalho buscou resgatar o hábito milenar da tradição oral em transmitir seus conhecimentos por meio da contação de histórias, e as interconexões das histórias de vida de seus ouvintes. Essa prática ancestral foi realizada com adolescentes, numa escola pública de ensino médio, serviu como basilar para o Sociodrama que reverberou os contos populares africanos e o teatro espontâneo protagonizado pelos jovens.

Palavras-chave: Sociodrama, contação de histórias, adolescente, contos africanos.

INTRODUÇÃO

“Amanhã será outro dia” esta fala da protagonista Scarlett O’Hara em “**E o Vento Levou**” (1939), marca não só a lembrança desse grande filme hollywoodiano, mas como vislumbre a educação. Pensar no ensino-aprendizagem de crianças e jovens similar ao trilhar para outro dia, representa a busca constante de uma pedagogia focada na inovação.

Os grandes mestres usaram as histórias como método pedagógico. Platão na “**República**”, Jesus Cristo com as Parábolas, o criador do Psicodrama J. L. Moreno contava histórias nos jardins de Viena para as crianças (SISTO, 2012).

A teórica em Educação da USP, Regina Machado, pontua que contar histórias revela uma constelação de imagens para quem escuta ou lê e floresce uma infinita variedade de imagens internas configuradas pelas nossas experiências... (BUSATTO, 2013).

Experiência que um povo se apropria e preserva a sabedoria dos seus ancestrais por meio da comunicação diária, do **griot**, e no testemunho verbal pairam os **fuxicos**¹ e **milongas**², de onde surgem as histórias encadeadas pelos seus transmissores. Engendrado na gênese africana, este projeto de leituras

¹ Fuxico sm. - Falar mal dos outros; futrica, intriga, mexerico. Artesanato popular feito com pedaços de pano.

² Milonga - s.f. enredos, mexericos, desculpas mal cabidas: Conta-me a coisa como ela se deu, e deixa-te de milongas. Beaurepaire-Rohan (1889) em quimbundo vale dizer disputa verbal, discussão, conversa acalorada, querela, insulto. unicamente no plano oral (CASCUDO, 2002).

psicodramáticas pretende interrelacionar os contos africanos e o Sociodrama de J.L.Moreno.

AS HISTÓRIAS, O *GRIOT* E O SOCIODRAMA

Segundo Walter Benjamim o narrador de histórias tem origem popular, pois os povos sem escritas transmitiam seus conhecimentos pela oralidade. O autor destaca os camponeses que conheciam com propriedade as histórias do local onde residiam, pois nele passaram suas vidas. Outro propagador cultural foram os navegantes e os comerciantes que transitavam por vários lugares do mundo vivenciando e ouvindo histórias (BENJAMIM apud COENTRO, 2008).

Para Marina Warner o contador tradicional, na Europa, também é oriundo da classe social baixa, representado pela figura feminina como: babás, fiandeira, tecelãs e governantas. Por isso o ato narrativo associa-se “à continuidade do trabalho doméstico, como fiar e separar grãos, e ainda, à noite, as histórias eram tecidas enquanto o trabalho manual era realizado” (COENTRO, 2008, f. 66).

Na África, os contadores de histórias eram chamados *griots*, palavra de origem francesa. O papel desses mestres do saber era diversificado: genealogista, contadores de histórias, músicos, poetas, animadores de festas. Os nobres, às vezes, os contratavam para fazer pesquisa e contar a genealogia e a biografia de sua família (SISTO, 2017).

O Sociodrama ou grupo de Psicodrama nasceu do teatro espontâneo de J. L. Moreno³, derivado do teatro do Improviso que deram origem a uma Teoria da Espontaneidade-Criatividade, centrada no protagonista. Por isso temos o Sociodrama focado num protagonista que se torna emergente grupal, segundo o teórico do Psicodrama Sérgio Perazzo, esse irá apresentar seu drama privado com os demais integrantes do grupo e passam a vivenciar um drama coletivo (PERRAZO, 2010).

O Protagonista centraliza a dramatização e atua como autor e ator. Através das coordenadas de um diretor do Teatro espontâneo constrói o contexto dramático e prossegue as cenas que sistematizam a temática da ação. Quando o protagonista

³ **Jacob Levy Moreno** (1889 - 1974), foi um médico, psicólogo, filósofo, dramaturgo romeno-judeu, criador do psicodrama e pioneiro no estudo da terapia em grupo. Tem grandes contribuições no estudo dos grupos, em psicologia social e é o criador da sociometria (MORENO, 2014).

representa um tema protagônico como: racismo, relações amorosas, consumismo, no grupo, denomina-se Sociodrama (MORENO, 1984).

OBJETIVO

Propiciar o autoconhecimento e a reflexão sobre a história de vida dos adolescentes pela apreensão das ressonâncias contidas nos contos tradicionais afro-brasileiros, e as intervenções do método Sociodramático de J. L. Moreno.

A PRÁTICA SOCIODRAMÁTICA

A prática Sociodramática foi realizada com estudantes, de uma Escola Pública Estadual, no Município de Taboão da Serra - São Paulo. O grupo estudantil participante da atividade sociodramática foi formado com alunos do Ensino Médio, na faixa etária dos 15 aos 19 anos.

Os Jovens realizavam o projeto sociodramático na aula de língua portuguesa, quinzenalmente, no período de seis meses. Entretanto destacaremos deste projeto dois contos. Para preservar a identidade dos participantes serão mencionados nomes fictícios desses.

Dessas atividades sociodramáticas focalizamos os contos afro-brasileiros com seus temas protagônicos: ***As vozes dos Pássaros e O macaco e o tambor***. À vista disso, evidenciou-se nesse trabalho, os dois encontros sociodramáticos e as atividades relacionadas com essas histórias.

CONTO 1 – AS VOZES DOS PÁSSAROS

A narrativa provocou sentimentos dicotômicos, encanto e estranhamento. Alguns jovens resplandeciam um brilho no olhar, outros acompanhavam as palavras narradas com o barulho da floresta ou o gorjeio dos pássaros, e poucos julgaram inusitada a personificação dos pássaros, após o término da história. Pássaro fala!? Um atencioso respondeu: “Na ***Dora Aventureira*** o raposo fala!...” A réplica do aluno explicou a personificação da raposa na animação citada.

Os alunos focaram na formosura dos pássaros, destacaram-se dois comentários:

Raul - “A beleza é algo que encanta, porém é passageira e ilude as pessoas. Os pássaros assim como as pessoas são influenciados pelos padrões estéticos impostos pela sociedade”.

Denise - “Se o mágico tivesse uma voz bonita, talvez quisesse o colorido dos pássaros, na verdade ele não é feliz consigo mesmo”.

Para sintetizar a temática da fábula⁴, objetivou-se um jogo dramático imagético: os adolescentes selecionaram duas imagens que representariam os sentimentos despertados pela história.

Todos apresentaram suas figuras ao grupo e comentaram sua escolha, evidenciamos dois:

Ísis fixou na oposição: natureza e tecnologia, sendo o moderno responsável pela interferência na comunicação entre as pessoas, gerando isolamento e vícios.

Elza destacou a contradição da natureza e cidade, disse que o elemento natural representava o passado - alegre, vibrante, e o futuro, a civilização traz a solidão, a violência e o consumismo.

As vozes dos pássaros propagaram um eco de palavras requintadas e argumentação sofisticada solta por jovens introspectivos e discretos, mas ávidos por momentos propícios para que eles revelassem seu grito ou gorjeio sobre uma temática mágica, como a provocada pelo conto. O encanto da história libertou a voz dos moçoilos tímidos e propagou um *show* de comunicação, mas também abrilhantou a oratória dos adolescentes falantes, possibilitando assim, a expansão da criatividade-espontaneidade da turma.

CONTO 2 – O MACACO E O TAMBOR

A professora fez algumas indagações ao grupo: vocês gostaram da história? Alguém mudaria a história?

Rodolfo alegou: o macaquinho precisava morrer porque ele foi teimoso e a história passou um ensinamento. “Aprendemos com os erros e é preciso punição”.

Flávio declarou que o macaquinho não deveria ter voltado a terra, pois ele era feliz na lua.

Jorge disse que se o macaco não morresse, ele ficaria com o tambor só para ele, e a humanidade não conheceria o instrumento.

⁴ Fábula (lat. fari = falar e gr. phaó = dizer, contar algo) é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. (COELHO, N. N. Literatura Infantil: teoria-análise-didática. São Paulo: Ática, 1997, p. 149).

Depois, solicitei que os alunos pensassem na sua música preferida. Constituíram-se quartetos. Esses compartilharam suas músicas e selecionaram uma canção para a encenação.

Um grupo mostrou sua cena. Três jovens apresentaram a música **O homem Chora**⁵, de Ao Cubo. Contaram a saga de um adolescente drogado, que foi morto por dívidas de tráfico, por conseguinte o irmão do viciado vingou-se assassinando o matador do jovem narcótico.

Na primeira cena, o aluno Marcelo atuou como o protagonista, um rapaz que ficava num canto tremendo, enquanto usava drogas, chegava Jorge, sacava uma arma e matava-o.

Solilóquio⁶ com o Jorge: “Como se sente após ter matado um homem?”

Jorge “Muito bem, aliviado!”.

Depois, o irmão da vítima, executou a tiro o assassino de seu irmão. No segundo ato, Jorge novamente foi o matador. Os colegas na plateia disseram que Jorge estava querendo matar “todo mundo”, mas ele não matava nem um mosquito! E riram.

O segundo grupo exibiu sua cena. Quatro rapazes escolheram a canção - **Negro Drama**⁷, de Racionais Mc's, apresentaram um moço negro que entrava numa loja para comprar uma motocicleta, o vendedor oferecia uma moto mais acessível, entretanto o jovem queria outra mais sofisticada e alegava que tinha dinheiro para comprá-la.

Flávio “Eu quero aquela máquina ali, é supermoderna! Você acha que eu não posso comprar aquela moto!?”

O vendedor meio hesitante atendia a sugestão do cliente.

As dramatizações despertadas pelas músicas trouxeram as questões implícitas da realidade social dos adolescentes, ressoadas pelo o som do tambor africano, ritmo ecoante na alma dos jovens que pelas dramatizações experienciaram um papel na realidade suplementar⁸. Jorge que se sentiu feliz, relaxado e poderoso ao

⁵ AO CUBO. **O Homem Chora**. São Paulo: Independente, 2002. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ao-cubo/o-homem-chora.html> acesso em 17/08/2020.

⁶ Solilóquio: técnica em que o diretor solicita ao protagonista que fale o que pense, sente ou percebe. Dessa forma, surgem os conteúdos inconscientes do protagonista (MONTEIRO, 1998).

⁷ RACIONAIS MC's. **Negro Drama**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63398/> acesso em 17/08/2020.

⁸ Realidade suplementar segundo Perazzo é “o substrato da nossa verdade psicodramática e poética, realidade e fantasia, além de representar o conjunto das dimensões invisíveis da realidade, da vida intra e extra psíquica segundo a concepção moreniana” (PERAZZO, 2010, p. 108)

vivenciar um matador. Flávio contestou o preconceito racial que enfrentou quando fora comprar uma motocicleta numa loja.

A temática social e os elementos subjetivos evidenciados pelos jovens apontam as ressonâncias grupais “constituídas pelos elementos semelhantes, comuns, a diferentes sistemas de interseção”. Os púberes reviveram os conflitos psicossociais inseridos na canção escolhida pelo grupo. Além disso, percebe-se pelos depoimentos dos protagonistas e as reflexões dos participantes, uma similaridade de emoções desencadeadas pelo conto africano ***O macaco e o tambor*** - a problemática étnico-racial e a realidade socioeconômica dos adolescentes (MARRA, 2010, p. 97).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação inovadora impõe não somente o uso de ferramentas tecnológicas, mas também, pode-se resgatar práticas pedagógicas ancestrais, que disseminem o pulso e o ritmo das florestas e faunas, aproximando as crianças e adolescentes da natureza. Habitat do homem primitivo que viveu em harmonia com seu meio ecológico e transmitiu sua cultura por meio da tradição oral.

Este projeto regido pelos saberes e cores da África, arcabouço do conhecimento do mundo moderno, repercutiu os ensinamentos implícitos nas fábulas, histórias imemoriais dos contos populares africanos. Além de imergir na gênese do contador de histórias designado de *griot*, nas aldeias tribais do Velho Continente.

Observamos a lição do mestre narrador de histórias, Moreno, no Sociodrama dos adolescentes, que ressignificaram seu contexto psicossocial pela ressonância das fábulas africanas, reformulando suas vivências pela espontaneidade-criatividade apresentadas nas dramatizações de suas histórias de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSATTO, C. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**: Tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CASCUDO, L. C. **Made in Africa**: (Pesquisas e notas). São Paulo: Global, 2002.

COENTRO, V. S. **A Arte de Contar Histórias e Letramento Literário** – Caminhos Possíveis. Campinas, SP, 2008. Cap.3 (Tese de mestrado - Linguística Aplicada) http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269821/1/Coentro_VivianeSilva_M.pdf acesso em 01/04/2018.

MARRA, M. M. & FLEURY, H. J. (Orgs.) **Sociodrama: um Método, Diferentes Procedimentos**. São Paulo: Ágora, 2010.

MONTEIRO, R. F. (Org.). **Técnicas fundamentais do Psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1998.

MORENO, J. L. **O Teatro da Espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2014.

PERAZZO, S. **Psicodrama: o Forro e o Averso**. São Paulo: Ágora, 1994.

SISTO, C. **Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil**. Nau Literária. vol. 09, n. 02 • set/2013. Voz e Interculturalidade. <http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/43352/27859> acesso em 11/01/2017.

_____. **Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Textos & Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

ANEXOS

CONTO 1 – AS VOZES DOS PÁSSAROS

Numa floresta, um mágico caminhava e viu um bando de pássaros marrons cantando, o homem ficou encantado com a melodia dos pássaros. E a medida que ouvia o canto dos pássaros ficou com ciúme e desejou ter uma voz tão linda como aquela.

Então o mágico teve uma ideia. Chamou os pássaros e disse:

— Acho terrível vocês terem essas horrorosas penas marrons! Vocês seriam mais felizes se tivessem cores brilhantes como: vermelho, laranja, azul, verde. Eu posso conceder a vocês uma plumagem multicolorida, só que em troca, quero a voz de vocês!

Os pássaros marrons pediram um tempo para pensar. No outro dia, resolveram trocar sua voz por uma plumagem colorida. O feiticeiro colocou a voz dos pássaros numa cabaça, e depois, engoliu-a e tornou-se um cantor com uma voz doce e melodiosa. Saiu pelo mundo cantando e encantando as pessoas.

E os pássaros, tiveram que se habituar à plumagem colorida. É por isso que os pássaros mais bonitos, não têm um canto melodioso (SISTO, 2007).

CONTO 2 – O MACACO E O TAMBOR

Dizem na Guiné que a primeira viagem à Lua foi feita pelo Macaquinho de nariz branco. Segundo dizem, certo dia, os macaquinhos de nariz branco resolveram fazer uma viagem à Lua a fim de trazê-la para a Terra. Após tanto tentar subir, sem nenhum sucesso, um deles, dizem que o menor, teve a ideia de subirem uns por cima dos outros, até que um deles conseguiu chegar à Lua.

Porém, a pilha de macacos desmoronou e todos caíram, menos o menor, que ficou pendurado na Lua. Essa lhe deu a mão e o ajudou a subir. A Lua gostou tanto dele que lhe ofereceu, como regalo, um tamborinho. O macaquinho foi ficando por lá, até que começou a sentir saudades de casa e resolveu pedir à Lua que o deixasse voltar.

A Lua o amarrou ao tamborinho para descê-lo pela corda, pedindo a ele que não tocasse antes de chegar a Terra e, assim que chegasse, tocasse bem forte para que ela cortasse o fio.

O Macaquinho foi descendo feliz da vida, mas na metade do caminho, não resistiu e tocou o tamborinho. Ao ouvir o som do tambor a Lua pensou que o Macaquinho houvesse chegado a Terra e cortou a corda. O Macaquinho caiu e, antes de morrer, ainda pode dizer a uma moça que o encontrou, que aquilo que ele tinha era um tamborinho, que deveria ser entregue aos homens do seu país. A moça foi logo contar a todos sobre o ocorrido.

Vieram pessoas de todo o país e, naquela terra africana, ouviam-se os primeiros sons de tambor (SISTO, 2007).



Jogo Imagético - fig. 1



Jogo Imagético - fig. 2